



X Fome e seca: história e atualidade

MOACIR WERNECK DE CASTRO *

A fome está na ordem do dia, e como! Medidas são propostas para acabar com ela. Uma campanha meritória foi lançada, Betinho à frente. A oportunidade é boa para lembrar o nome de um brasileiro que lutou no passado recente por essa causa de salvação nacional. Um pioneiro admirável: Josué de Castro, autor de *Geografia da fome* e *Geopolítica da fome*, livros com numerosas edições brasileiras e traduzidos em várias línguas. Lord John Boyd Orr, prêmio Nobel da Paz, disse do último que o considerava possível base de um entendimento das Nações Unidas para a formulação de um plano mundial de alimentação, muito mais interessante que "intermináveis discussões em torno de ideologias políticas".

Evocando os antecedentes do problema, escrevia Josué de Castro em *Geopolítica da fome*: "São mais fatores de ordem social do que fatores de ordem natural que determinam a precariedade e a escassez alimentares neste continente (...). A fome reinante nas terras sul-americanas é uma consequência direta do seu passado histórico: da história de sua exploração colonial, de tipo mercantil, desdobrada em ciclos sucessivos de economia destrutivas."

Como fatores determinantes, citava o sociólogo pernambucano a monocultura — exploração agrícola de origem tipicamente colonial — e o latifúndio agrário. Frisava: "Monocultura e latifúndio constituem dois dos maiores males do continente, que entravam de maneira terrível o seu desenvolvimento agrícola e, conseqüentemente, suas possibilidades de abastecimento alimentar."

Em outro livro, *Sete palmos de terra e um caixão — Ensaio sobre o Nordeste, uma área explosiva*, escrito pouco antes de 1964, Josué de Castro analisa aspectos do problema da seca, que devem ser recordados hoje. A indústria da seca no Brasil atingiu novos patamares de escândalo, mas vem de longa data. Josué historia os precedentes de tentativas e fracassos, a partir da criação do primeiro órgão destinado a enfren-

tar o problema: a Inspeção Federal de Obras contra as Secas.

Inicialmente, se pretendia resolver a situação através de soluções técnicas, de engenharia hidráulica. Mas os açudes construídos "limitavam-se a refletir nas suas águas a beleza do azul do céu e a concentrar nas suas margens, como pontos de resistência, as negras massas de retirantes das épocas de calamidade."

Acrescenta o autor que mais grave do que a miopia técnica foi a mistificação política. O órgão federal "canalizava para os bolsos dos senhores das terras e dos seus apaniguados quase todos os recursos que deviam ser destinados a alimentar, a educar, a ajudar a viver os camponeses da região". Sua ação se fazia sempre "ao sabor das influências e do prestígio político". Mutreta antiga, como se vê.

As medidas posteriores, orientadas por uma mentalidade desenvolvimentista e não apenas paternalista, tipo "ajuda ao teu irmão", beneficiou "mais a certos grupos apaniguados do que propriamente às vítimas do flagelo", com sua execução entregue a "colaboradores altamente comprometidos com a estrutura agrário-feudal, amparada no capital estrangeiro". A industrialização intensiva, concentrada no Centro-Sul, acentuou ainda mais os desníveis nacionais.

São também abordadas as implicações políticas que geraram nos primeiros anos da década de 60 um temor generalizado (não só no Brasil como no exterior) de uma "explosão revolucionária" no Nordeste. Daí a pouco, o golpe militar faria do autor um proscrito.

Josué de Castro merece ser lembrado por óbvias razões de justiça. Ainda há pouco o historiador Licurgo Costa, escrevendo no *Diário Catarinense* (3/4/93), dizia que "se houve alguém no Brasil que deveria ter recebido o Nobel da Paz, esse alguém foi Josué de Castro".

O pensamento de Josué se inscreve com brilho numa linha histórica que vem sendo vilipendiada pelos porta-vozes intelectuais da direita neste país. Ideólogos de má-fé deturpam e falsificam tudo, em nome de uma falsa sofisticação modernosa, que ser-

ve de máscara a objetivos reacionários e antinacionais. É importante buscar no passado histórico os marcos fundamentais de um pensamento crítico, como o de Josué de Castro, que diagnosticou com extrema lucidez males ainda hoje atuantes no organismo social brasileiro.

Estatísticas — Por falar em fome, mal que dói mais fundo à medida que sobe intoleravelmente o custo de vida, vamos reconhecer: chegam a ser engraçadas essas estatísticas referentes à taxa inflacionária. A cada mês publicam-se diversos cálculos, com precisão expressa em porcentagens que chegam a centésimos. Os mágicos da econometria se esfalfam, os economistas capricham nas projeções, a bolsa reage como um cata-vento enlouquecido.

Ora, o povo acompanha absolutamente desinteressado esse balé de porcentagens. Seus parâmetros são distintos, não batem com os das entidades apuradoras: FGV, IBGE, Fipe, Dieese etc. Estão nos preços da padaria, do açougue, da farmácia, do supermercado e outros indicadores concretos, como tarifas e despesas mensais obrigatórias. Estes sobem sempre, a galope, e, sem tomar conhecimento dos cálculos supostamente científicos, estão muito acima dos 30% mensais.

Em geral, nesses cálculos, a taxa de inflação cai um tiquinho, quando cai, por efeito de alguma escamoteação hábil. Mas, caia ou suba, o povo está se lixando para tais cifras extraídas dos computadores inermes, coitadinhos. Elas são inúteis para quem vive de salário e ordenado. Servem principalmente para distrair maníacos e dar de ganhar aos técnicos.

Embora favorável à transparência, neste ponto sou radical: acho que seria saudável acabar com a divulgação dessas porcentagens fajutas. Os economistas que se divertam com elas nos seus gabinetes refrigerados. Eles deveriam, no máximo, palpatar em termos genéricos, como os meteorologistas. O povo consulta a previsão do tempo, mas não precisa dela para saber que está chovendo grosso. Precisa, sim, de guarda-chuva.